

**O SUICÍDIO FEMININO A PARTIR DA OBRA “SOBRE O SUICÍDIO” DE KARL MARX: A FUGA DAS RELAÇÕES DE OPRESSÃO POR MEIO DA MORTE VOLUNTÁRIA**

**EL SUICIDIO FEMENINO A PARTIR DE LA OBRA "SOBRE EL SUICIDIO" DE KARL MARX: LA HUIDA DE LAS RELACIONES DE OPRESIÓN MEDIANTE LA MUERTE VOLUNTARIA**

**FEMALE SUICIDE FROM KARL MARX'S WORK 'ON SUICIDE': ESCAPING OPPRESSIVE RELATIONSHIPS THROUGH VOLUNTARY DEATH**

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v16i1.54795>

Jordânia Araújo<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo examinar o fenômeno do suicídio feminino a partir do pensamento de Karl Marx. Assim, tomaremos a obra *Sobre o suicídio* (2006) como pressuposto teórico em nossa investigação. Ademais, problematizamos também com outros textos do autor a respeito das implicações e condições patriarcais e opressivas que afetam a vida das mulheres na esfera privada. Para tanto, investigaremos o domínio da instituição familiar nas relações afetivas da intimidade burguesa e suas repercussões na morte voluntária. Pretende-se lançar luz acerca do suicídio protagonizado por mulheres, apresentando uma duplicidade de contravenção: a ideia de um modelo de morte e o próprio padrão de feminilidade na sociedade moderna.

**Palavras-chave:** Suicídio. Marx. Patriarcado. Mulheres.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo examinar el fenómeno del suicidio femenino desde la perspectiva de Karl Marx. Así, tomaremos la obra *Sobre el Suicidio* (2006) como presupuesto teórico en nuestra investigación. Además, también discutimos con otros textos de la autora sobre las implicaciones y condiciones patriarcales y opresivas que afectan la vida de las mujeres en el ámbito privado. Para ello, investigaremos el predominio de la institución familiar en las relaciones afectivas de la intimidad burguesa y sus repercusiones en la muerte voluntaria. Se pretende arrojar luz sobre el suicidio de mujeres, presentando una doble falta: la idea de modelo de muerte y el propio estandarte de la feminidad en la sociedad moderna.

**Palabras clave:** Suicidio. Marx. Patriarcado. Mujer.

**Abstract:** This article aims to examine the phenomenon of female suicide from the perspective of Karl Marx. Thus, we will take the work *Sobre o Suicide* (2006) as a theoretical assumption in our investigation. Furthermore, we also discuss with other texts by the author about the patriarchal and oppressive implications and conditions that affect women's lives in the private sphere. To do so, we will investigate the dominance of the family institution in the affective relationships of bourgeois intimacy and its repercussions on voluntary death. It is intended to shed light on suicide by women, presenting a double misdemeanor: the idea of a model of death and the very standard of femininity in modern society.

**Keywords:** Suicide. Marx. Patriarchy. Women.

### Introdução

Este trabalho inicia-se com o debate sobre a constituição da família burguesa na perspectiva dos fundadores do marxismo, visando destacar o papel opressivo que o âmbito privado, sob o domínio masculino, exerce sobre a vida das mulheres na sociedade moderna. O foco da discussão está no suicídio de mulheres, sendo o artigo *Sobre o suicídio* (2006)<sup>2</sup> o ponto de partida para compreender o protagonismo feminino, seus sofrimentos e lutas. Essa análise busca evidenciar uma discussão muitas vezes negligenciada e marginalizada no entrelaçamento desses dois temas.

Nas chamadas obras da juventude, Marx denunciou as desigualdades de gênero<sup>3</sup> e também apontou como o controle patriarcal sobre a vida das mulheres acontece, sobretudo, na esfera familiar burguesa. Para além disso, o método do materialismo histórico do editor da *Gazeta Renana* “não apenas nos ajudou a desconstruir as hierarquias e identidades de gênero, como demonstrou que a ‘natureza humana’ é produto da ação social” (FREDERICI, 2018, p. 39).

Em 1846, Karl Marx lançou ao público leitor um ensaio na revista alemã *Gesellschafts Spiegel* (Espelho da Sociedade)<sup>4</sup>, que se ocupou da temática do suicídio. O texto levou o título de *Sobre o suicídio* (2006) e traz à cena uma contribuição, quase desconhecida, do filósofo revolucionário no que diz respeito aos dramas enfrentados pelas protagonistas antes de cometer o suicídio. Esse tema não tem chamado atenção dos pesquisadores, uma vez que o texto é pouco estudado na academia e até mesmo pelos marxistas.

Em primeira instância, o ensaio *Sobre o Suicídio* (2006) destaca-se no instrumental teórico de Marx por apresentar uma composição de excertos de outro autor, Jacques Peuchet<sup>5</sup>, extraídos do capítulo "*Du suicide et des ses causes*" de suas memórias como diretor dos Arquivos de Polícia. Portanto, é um artigo adaptado a partir das lembranças do arquivista. O estilo literário do ensaio desperta até mesmo dúvidas sobre a verdadeira contribuição de Marx acerca do artigo, uma vez que consiste em uma compilação de relatos de suicídios das memórias de Peuchet, seguidos por comentários de Marx. No entanto, Michael Löwy destaca que o filósofo não apenas editou, traduziu e acrescentou comentários, mas também realizou modificações e publicou o texto sob sua própria assinatura (LÖWY, 2006, p. 14).

Outra característica fundante deste escrito é o tratamento de uma questão social pouco abordada em outros trabalhos do editor da *Gazeta Renana*, refere-se à opressão das mulheres vinculada ao suicídio. Neste sentido, a junção de todos esses elementos nesta obra se manifesta de forma singular, uma vez que “cada um desses traços é raro na bibliografia de Marx.” (LÖWY, 2006, p. 14).

O escrito *Sobre o suicídio* (2006) destaca-se por apresentar um debate sobre as relações patriarcais nas narrativas dos casos de suicídio. Esta discussão é característica em todo o escrito, cuja atenção dedicada à temática – tão atual e cara aos nossos dias – aparece com maior aprofundamento neste ensaio do que em outras obras do jovem Marx. Como ressalta Kevin Anderson “o foco de Marx em seu o artigo foi diferente – os suicídios de mulheres burguesas, a maioria vivendo sob severas restrições familiares.” (ANDERSON, 1999, p. 09). Michael Löwy também defende em seu texto introdutório *Um Marx insólito* que, no ensaio de Marx, “A principal questão social discutida em relação ao suicídio é a opressão das

mulheres nas sociedades modernas.” (LÖWY, 2006, p. 14).

Desta forma, evidencia-se o suicídio como uma forma de mostrar efetivamente a subjetividade, sobretudo no caso do suicídio feminino, já que apresenta uma das poucas possibilidades de subterfúgio das mulheres contra as relações opressivas e patriarcais na família burguesa.

### ***A família burguesa e suas implicações na existência feminina***

Marx, juntamente com seu parceiro intelectual Engels, em *A ideologia alemã* (2007) compreende que o círculo familiar existe e se transforma a partir do desenvolvimento histórico. Para eles, a ligação íntima na esfera privada influencia na conservação da existência. É importante indagar até que ponto essa mesma instituição que preserva a vida pode provocar o seu contrário, impulsionar o fim da existência, a morte. Neste aspecto, Marx em **Sobre o Suicídio** (2006), pontua que a tirania familiar, a imposição do poder de um sobre o outro, pode resultar em casos de suicídio. No entanto, o social assume características privatistas, exemplificado pela própria estrutura familiar.

A morte voluntária é ilustrada como uma possível saída para a relação de dominação homem/mulher que está presente na família. Marx comenta essa dinâmica que ainda resiste na esfera familiar: “A Revolução não derrubou todas as tiranias; os males que se reprovavam nos poderes despóticos subsistem nas famílias; nelas eles provocam crises análogas àquelas das revoluções.” (MARX, 2006, p. 28-29).

Sendo assim, a instituição da família manifesta-se imprescindível para entender o suicídio. Em primeira instância, Marx e Engels esclarecem que a fundação da família aparece como primeira cooperação social, no entanto, aos poucos ela se torna um espaço periférico, uma vez que o indivíduo avança para outras instâncias sociais. De acordo com os autores:

Essa família, que no início constitui a única relação social, torna-se mais tarde, quando as necessidades aumentadas criam novas relações sociais e o crescimento da população gera novas necessidades, uma relação secundária (salvo na Alemanha) e deve, portanto, ser tratada e desenvolvida segundo os dados empíricos existentes e não segundo o “conceito de família”, como se costuma fazer na Alemanha. (MARX; ENGELS, 2007, p. 33-34).

Nesta citação, é possível perceber que o cerne das relações humanas desloca-se do âmbito privado para o domínio público. A família é apreendida, pelos fundadores do marxismo, através de uma análise histórica, que objetiva compreender o seu caráter social. Sendo assim, a partir da produção e extensão das carências e também do alargamento populacional, o indivíduo é conduzido à esfera pública. Nas palavras dos autores, “essa família, que no início constitui a única relação social, torna-se mais tarde, [...] uma relação secundária.” (MARX; ENGELS, 2007, P. 33).

Desta forma, a instituição da família faz parte do desenvolvimento histórico, inclusive porque é neste âmbito que os indivíduos, também, “renovam diariamente a sua própria vida” (MARX; ENGELS, 2007, p. 33). Sem embargo, na medida em que lançam luz ao indivíduo vivo e sua ação, Marx e Engels introduzem a importância da procriação na guarnição das próximas gerações e, de modo direto, na manutenção da vida. Essa dinâmica é de suma importância para a própria manutenção da existência da

vida humana.

Deste modo, a procriação pode ser notada em sua duplicidade. Inicialmente em seu aspecto natural, mas também ela apresenta uma vertente social. Neste sentido, segundo Marx e Engels o processo de procriação é moldado pela relação social desenvolvida em uma configuração econômica específica, o que expressa o traço produtivo que engendra as ligações sociais entre as pessoas. Por isso, a relação entre os indivíduos exibe “uma conexão que assume sempre novas formas e que apresenta, assim, uma ‘história’, sem que precise existir qualquer absurdo político ou religioso que também mantenha os homens unidos.” (MARX; ENGELS, 2007, p. 34).

Marx e Engels assinalam que a divisão social do trabalho, conceituação cara ao desenvolvimento do arcabouço teórico marxista, começa a ser forjada pela própria “divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em diversas famílias opostas umas às outras.”(MARX; ENGELS, 2007, p. 36). Sem dúvidas, as relações entre os indivíduos, seja no modo produtivo da existência ou na esfera de consumo das mercadorias, aparecem atravessadas pela desigualdade entre os gêneros.

A natureza da propriedade privada transforma o núcleo da família em uma relação de apropriação do outro. Há um confinamento do sexo feminino no âmbito privado, provocado pelo exercício de poder e dominação do homem em relação às mulheres. Os fundadores do marxismo sumarizam pertinentemente, é “na família, onde a mulher e os filhos são escravos do homem.” (MARX; ENGELS, 2007, p. 36).

Engels também discute a instituição familiar em sua obra **A origem da família, da propriedade privada e do Estado** (2019). Aqui o autor destaca o papel e a funcionalidade da organização familiar. Ele se direciona em certos momentos aos dispositivos de domínio e sujeição que a mulher foi submetida. Na ótica do autor, o casamento monogâmico não surge no percurso histórico enquanto uma forma de renovada ligação entre os gêneros. Em verdade, a monogamia manifesta o seu contrário, já que inaugura de forma efetiva e direta a dominação do gênero masculino sobre o feminino. De acordo com Engels:

A monogamia surgiu da concentração de grandes quantidades de riqueza em uma só mão – mais precisamente, na de um homem – e da necessidade de legar essa riqueza aos filhos desse homem e de nenhum outro. Para isso, era requerida a monogamia da mulher, não do homem, de tal maneira que essa monogamia da mulher não impediu a poligamia aberta ou dissimulada do homem. (ENGELS, 2019, p. 95-96).

Aqui, Engels aponta a posição desigual das mulheres no casamento monogâmico, como o exercício livre da sexualidade estava vinculado ao sexo masculino e de que forma as mudanças estruturais e econômicas influenciaram nas relações afetivas. A instituição familiar burguesa reivindica o seu lugar na história enquanto demonstração nuclear das disputas e contradições da ordem social capitalista, uma vez que “o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher no casamento monogâmico, e a primeira opressão de classe coincide com a do sexo feminino pelo sexo masculino.” (ENGELS, 2019, p. 68).

Para Engels, a família burguesa e sua constituição ganha contornos distintos de outras configurações familiares, já que “foi fundada sobre a escravização doméstica aberta ou dissimulada da

mulher, e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são as famílias individuais.” (ENGELS, 2019, p. 75).

Desta forma, por intermédio da remodelação da família acontece uma cisão entre o espaço da produção propriamente dita e o núcleo familiar. Isso ocorre porque a célula das conexões familiares deixa de ser a unidade da produção como havia sido nas sociedades agrárias pré-capitalistas. Ademais, “a burguesia rasgou o véu do sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a meras relações monetárias.” (MARX; ENGELS, 2010, p. 42). Quando Marx e Engels fazem essa afirmação no **Manifesto Comunista**, eles querem deixar registrado que até mesmo nas relações familiares há uma mudança significativa a partir do advento do capitalismo, nem mesmo essa esfera está a salvo.

Destarte, soma-se a isto a dimensão patriarcal que atravessa a formatação familiar, tendo alicerce na propriedade privada e na divisão do trabalho, pois essas dimensões se entrelaçam nas ligações íntimas.

Mesmo tendo limitações em muitas de suas teorias esboçadas na obra **A origem da família, da propriedade privada e do estado** (2019), Engels conseguiu definir as principais questões teóricas dos cem anos seguintes (LERNER, 2019, p. 63). Ele descreve, nesta obra, que o desenvolvimento do Estado impulsionou a formação da família monogâmica, cujo trabalho doméstico da mulher virou um serviço confinado. Além disso, Engels enfatiza a dominação econômica exercida pelo homem e o seu domínio sobre o corpo da mulher. Segundo o autor, “O homem assumiu o comando também em casa, a mulher foi degradada, escravizada, tornou-se escrava do desejo do homem e mero instrumento de procriação.” (ENGELS, 2019, p. 75). De acordo com Gerda Lerner, em **A criação do patriarcado**, o grande mérito de Engels “foi chamar atenção para o impacto de forças sociais e culturais na estruturação e definição das relações entre os sexos.” (LERNER, 2019, p. 64).

Em **Sobre o suicídio** (2006) é possível verificar uma exposição de como o patriarcado, em grande parte, organiza a reprodução, a sexualidade, a criação de filhos/as e a afetividade na instituição familiar burguesa. Além disso, o ensaio que fala sobre a morte voluntária apresenta as consequências subjetivas do poder dos homens sobre as mulheres, sobretudo neste âmbito. As análises marxistas realizadas, em sua maioria, tendem a concentrar-se na relação das mulheres com o sistema econômico, deixando em segundo plano a análise da relação das mulheres com os homens (HARTMAN, 1979, p. 05). Esse artigo sobre o suicídio, juntamente com outros textos do arcabouço teórico de Marx, pode nos auxiliar a repensar o problema das relações assimétricas entre os gêneros a partir do ponto de vista da própria relação de dominação dos homens em relação às mulheres.

A investigação marxista foi muito importante para que as acadêmicas feministas pudessem elaborar perguntas sobre a posição da mulher na sociedade e também na história. Nas últimas décadas, as feministas marxistas procuraram compreender “que a opressão às mulheres estava fundada nas relações sócio-materiais intrínsecas ao capitalismo, em vez de serem simples produtos de atitudes, ideologias e comportamentos” (FERGUSON; MCNALLY, 2017, p. 17). Segundo Angela Davis, é somente na sociedade burguesa que a opressão das mulheres adquire uma dimensão e função sociais decisivas (DAVIS, 2000).

Deste modo, ao ligar as relações entre os gêneros às transformações nas relações sociais, Marx e

Engels realizam uma ruptura no que diz respeito ao determinismo biológico projetado socialmente acerca das mulheres. Na medida em que chamam atenção para o conflito entre os sexos na família, eles reforçam a ligação entre as transformações sociais e o que poderíamos chamar de relações entre gêneros.

### ***O suicídio de mulheres: uma possível fuga das condições opressivas?***

Em **Sobre o suicídio** (2006), é possível verificar a atenção de Marx dedicada à problemática da constituição das relações familiares alicerçadas pelos valores patriarcais. Marx discorre nas primeiras páginas da obra acerca das inúmeras causas que podem ocasionar o suicídio. Ao passo que cita a afetação das paixões e a expressão da melancolia, Marx comenta no que se refere à principal razão de pôr fim à vida, cuja propensão torna-se eminente na constatação do elemento de desumanidade posto em prática nas relações do seio familiar, sobretudo vinculado às injustiças que são perpetradas por quem detêm uma relação de dominação e poder.

Engels escreveu a obra seminal **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**, que aborda as condições dos trabalhadores nas fábricas, incluindo a temática do suicídio. Esse texto é considerado um marco na história da sociedade industrial moderna. Engels ofereceu uma análise das péssimas condições enfrentadas pela classe trabalhadora na Europa. Ademais, o autor apresenta as inevitáveis consequências da opressão social e as doenças decorrentes processos de trabalho. Nas palavras do filósofo:

A miséria só permite ao operário escolher entre deixar-se morrer lentamente de fome, suicidar-se ou obter aquilo de que necessita onde encontrar – em outras palavras, roubar. Não espanta o fato de a maioria preferir o furto ao suicídio ou à morte por fome. Sem dúvida, há entre os operários muitos indivíduos suficientemente moralistas para, mesmo na extrema privação, não roubar; esses morrem de fome ou se suicidam. O suicídio, que no passado foi um invejável privilégio das classes altas, está atualmente na moda na Inglaterra até entre os proletários e muitos pobres diabos se matam na única alternativa que lhes resta para escapar à miséria. (ENGELS, 2010, p. 155).

Aqui está em evidência a condição de miséria enfrentada pelos operários, que são forçados a escolher entre opções extremas para sobreviver. A falta de recursos básicos os leva a considerar o suicídio. Além disso, o autor destaca a mudança nas percepções sociais em relação ao suicídio. Enquanto no passado era considerado um privilégio das classes altas, na Inglaterra contemporânea, tornou-se uma realidade entre os proletários, que enfrentam condições extremamente precárias.

O suicídio pode ser concebido como um problema social decorrente da opressão e desigualdade de classes germinadas pela dinâmica da sociedade capitalista. Tal como no artigo de Marx/Peuchet de 1846, o suicídio analisado por Engels pode ser compreendido como uma resposta dos indivíduos aos mecanismos opressivos que afetam as pessoas.

A compreensão do suicídio como “um sintoma da organização deficiente de nossa sociedade” (MARX, 2006, p. 24) também é esclarecido por Rosa Luxemburgo em seu artigo **Apenas uma vida humana!**. A autora diz que a sociedade burguesa “somente ela obrigou o ser humano a suicidar-se, [...] à clara luz do sol, em meio à barulhenta praça do mercado, em meio ao zunido e ao barulho monótono e letárgico do cotidiano, que não para um segundo sequer junto ao morto, que não digna um olhar que seja

aseu corpo” (LUXEMBURGO, 2018, p. 115). O suicídio é entendido como uma forma de enfrentamento às condições sociais impostas sob a égide da sociedade burguesa.

Destá forma, em **Sobre o suicídio** (2006), Marx não recorre às “fraseologias” que pouco podem acrescentar ao tema do suicídio. Ele prefere exibir o relato daqueles que decidiram romper irrevogavelmente com a vida. Por essa razão que Marta Rodrigues (2009) acautela que “há momentos em que o ensaio chega a soar como uma espécie de arqueologia da alma humana; noutros, soa como um tratado antropológico da sociedade partida” (RODRIGUES, 2009, p. 705). Ao apontar o aspecto real dos casos examinados por Marx e o seu desejo de imprimir em seu público o caráter social do fenômeno, Ricardo Antunes (2006), em sua resenha sobre a publicação da edição brasileira, afirma que o filósofo parte “da concretude do real para melhor compreender o mundo” (ANTUNES, 2006, p. 217).

No ensaio de Marx/Peuchet há uma discussão sobre a conexão entre o fenômeno do suicídio e as relações de dominação nas conexões íntimas e de afetividade. Esse fenômeno no âmbito familiar parece indicar o quanto os valores da sociedade burguesa estão alicerçados na acepção máxima da impiedade e da injustiça. Quando se trata da mulher, é adicionado um novo elemento: a injustiça direcionada ao gênero feminino. Marx/ Peuchet posiciona a questão quando ressalta o sofrimento familiar como uma das causas de suicídio:

As doenças debilitantes, contra as quais a atual ciência é inócua e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado, e até o próprio amor à vida, essa força enérgica que impulsiona a personalidade, é frequentemente capaz de levar uma pessoa a livrar-se de uma existência detestável. (MARX, 2006, p. 24).

Neste trecho, há uma preocupação com a problemática das possíveis causas do suicídios e a dominação nas relações familiares, uma vez que os sofrimentos familiares apontados nas tramas dos suicídios indicam o exercício de poder dos patriarcas sobre as mulheres. Para Kevin Anderson (1999), nota-se que há “uma constante oposição de Marx a todas as formas de família patriarcal e seu apoio à libertação das mulheres” (ANDERSON, 1999, p. 17).

É importante destacar que Marx relaciona a causa dos suicídios ao caráter social, uma vez que os esquemas afetivos e o compartilhamento da existência com o outro figuram relações de poder, as quais desencadeiam sucessivas injustiças. A relação de dominação masculina em cada caso analisado parece indicar que a causa do suicídio diz respeito à opressão direcionada ao gênero feminino. Löwy ressalta essa perspectiva do ensaio: “Mas – aqui chegamos ao aspecto mais interessante do ensaio – quem são as vítimas não proletárias levadas ao desespero e ao suicídio pela sociedade burguesa? Há um setor social que toma um lugar central tanto nos excertos de Peuchet como nos comentários de Marx: as mulheres.” (LÖWY, 2006, p. 18).

Destarte, ao abordar sobre os suicídios de mulheres, Marx introduz na discussão a problemática das cisões realizadas entre a esfera pública e a privada, uma vez que os arranjos sociais envolventes nos casos examinados atravessam os dois âmbitos. Este exame tem como cerne uma crítica à diversidade de opressão que a sociedade capitalista produz no indivíduo. Michael Löwy esclarece a possível motivação de

Marx em publicar o artigo e o seu interesse pela crítica das relações privadas:

Um primeiro argumento para explicar essa escolha é sugerido pelo próprio Marx na introdução aos excertos: o valor da crítica social francesa às condições de vida modernas, sobretudo às relações privadas de propriedade e às relações familiares – “em uma palavra, à vida privada”. Para empregar uma expressão atual, desconhecida de Marx: uma crítica social inspirada na compreensão de que o privado é político. (LÖWY, 2006, p. 15).

O editor da *Gazeta Renana* revela a amplitude da sua ótica acerca da socialidade e concebe uma discussão no que tange à multiplicidade das atividades produtoras e reprodutoras da vida humana, como as que se desenvolvem nas relações familiares. A socialização não é restrita ao intercâmbio mercantil, ela abarca as relações tanto de produção quanto de reprodução do capital, para além do circuito estritamente econômico.

Nesse sentido, Marx lança luz sobre a questão dos papéis fixados no que diz respeito às mulheres na sociedade burguesa, o que nos direciona para pensar sobre o problema da opressão que atinge mulheres e como ele é concebido pelo autor no ensaio **Sobre o Suicídio** (2006). Há uma descrição rica dos casos em que as vítimas são tratadas pelo protagonismo feminino, cuja violência que antecede ao suicídio é resultado de uma relação patriarcal.

Discutiremos a seguir os casos abordados no ensaio, pois é necessário apresentar a sua forma emblemática que liga as histórias de vida à cada cena de suicídio. A finalidade é mostrar a perspectiva das relações entre os sexos e sua expressão no suicídio. Além disso, objetiva-se apresentar o caráter de transgressão que se torna evidente quando os protagonistas rompem com as amarras sociais e vínculos afetivos/familiares através da morte voluntária.

No primeiro caso investigado por Marx, em **Sobre Suicídio** (2006), temos a descrição do suicídio de uma jovem, pertencente a uma família de alfaiates. A protagonista da trama e seus pais receberam o convite da família do noivo da moça para um jantar, uma celebração que antecede ao casamento. Aqui, é importante mencionar o caráter próprio de um evento como este. Ele é delimitado como o início do desfecho suicida. Mauro Castelo Branco de Moura, em **Os mercadores, o templo e a filosofia**, define a comemoração como “a transgressão festiva, porque a festa não é outra coisa que a subversão do ordinário, a explosão momentânea do extraordinário, um surto de caos em meio à ordem, serve, precisamente, para vivificar a própria ordem, ao fazer emergir o seu oposto.” (MOURA, 2004, p. 2010). Com efeito, o que ocorreu na comemoração com os noivos foi a subversão dos valores da sociedade burguesa.

O ensejo do suicídio decorre de uma celebração que promoveu o rompimento das regras e os ordenamentos morais impostos aos noivos, sobretudo à jovem suicida. Eles estão determinados em comparecer ao encontro. No entanto, o casal de alfaiates deparou-se com um imprevisto, o que impediu a sua presença no jantar. Prontamente, a jovem foi ao encontro do noivo na celebração, cuja participação seria imprescindível. Os pais permitiram que ela fosse. Vale descrever a imagem desta comemoração:

Apesar da ausência de dois dos principais convidados, a refeição foi das mais agradáveis. Muitas brincadeiras, que a perspectiva das núpcias autorizava, foram realizadas da melhor maneira possível. Bebeu-se, cantou-se. Divagou-se sobre o futuro.

As alegrias de um bom matrimônio foram vivamente comentadas. Muito tarde da noite, encontravam-se ainda à mesa. Movidos por uma indulgência facilmente compreensível, os pais do rapaz fecharam os olhos para o acordo tácito entre os dois amantes. As mãos procuravam umas às outras, o amor e a confiança tomavam-nos inteiramente. Além disso, considerava-se que o casamento já estava consumado e aqueles pobres jovens já se frequentavam havia muito tempo sem que se lhes fizesse a mais leve censura. (MARX, 2006, p. 30-31).

Sem embargo, a comemoração aconteceu de forma apazível para todos os presentes, especialmente para os noivos. A festa oportunizou que os anseios existentes e a alegria estivessem em evidência, não só do futuro casal, mas também dos pais do rapaz. A proposição de um casamento tão próximo e esperado pela família dos jovens permitiu a quebra da moral vigente. A festa impulsionou o surgimento do extraordinário. Sendo assim, a comemoração “está associada à pompa e circunstância que legítima, impregnando, de maneira psicológica, nos mais recônditos meandros da interioridade dos participantes, a mensagem profunda de cada momento socialmente crucial a ser destacado: nascimento, morte, iniciação, as origens, o matrimônio, etc.” (MOURA, 2004, p. 211).

Neste contexto, o caso de suicídio em questão vincula-se a pelo menos duas das cinco mensagens que configuram a festa destacada por Moura. É preciso ter em conta que esta celebração engloba o esperançoso casamento bem como o prelúdio da morte, da própria desintegração deste corpo que vivencia outras performances de existência. Sendo assim, a comemoração foi atravessada pela:

comoção dos pais dos amantes, as horas passadas, os ardentes desejos recíprocos, desencadeados pela negligência dos seus mentores, a alegria sem cerimônia que sempre reina nessas ocasiões, tudo isso junto, e a ocasião, que se brindava prazerosamente, o vinho, que borbulhava nas cabeças, tudo ensejava um final que se podia imaginar. (MARX, 2006, p. 31).

A comemoração foi realizada pela sintonia entre os presentes. Neste sentido que Moura afirma que a transgressão festiva é “onde os valores sociais se invertem e as barreiras ao proibido se dissolvem, termina por contribuir para a reiteração da própria ordem, porque a festa é, também, comunhão profunda.” (MOURA, 2004, p. 2010). Desta maneira, “Os enamorados se reencontraram no escuro, depois que as luzes se apagaram. Era como se não houvesse nada a ponderar, nada a recear. Sua felicidade estava cercada de amigos e livre de toda inveja.” (MARX, 2004, p. 31). Tudo estava sendo prazeroso e a jovem conseguiu experimentar uma liberdade sem restrições. Ela decidiu então, dormir na casa do noivo. Ao regressar para casa, ela foi recepcionada pela família com insultos e injúrias. Um verdadeiro espetáculo de humilhação. É importante conferir como foi projetado esse quadro:

A jovem filha retornou somente na manhã seguinte para a casa dos pais. Uma prova de que ela não se acreditava culpada está no fato de ter voltado para casa sozinha. Ela esgueirou-se para seu quarto e fez sua toailete, mas, mal seus pais adivinharam sua presença, irromperam furiosamente e cobriram-na com os mais vergonhosos nomes e impropérios. A vizinhança testemunhou a cena, o escândalo não teve limites, a julgar pela comoção daquela criança, por sua vergonha e pelo encanto que era quebrado a golpes de xingamentos. (MARX, 2006, 31-32).

A moça ainda protestou diante do escândalo e da cena degradante de humilhação, apontou que os próprios pais estavam lançando a sua vida à vergonha e à difamação. Mesmo sugerindo uma possível reparação pelo acontecimento, o seu sofrimento e a sua dor não foram levados em consideração. Os pais

foram insensíveis e exerceram seu poder e domínio sobre a filha. É possível visualizar a desolação da jovem: “Em vão a consternada moça protestava a seus pais que eles mesmos a haviam abandonado à difamação, que ela assumia seu agravo, sua tolice, sua desobediência, mas que tudo seria reparado. Suas razões e sua dor não conseguiram desarmar o casal de costureiros.” (MARX, 2006, p. 32). Sentindo-se humilhada e devastada após todo o contexto de desrespeito e ofensas nutrido pelos pais da jovem e pelos vizinhos, ela se suicida no rio Sena. Segundo o relato:

O sentimento de vergonha provocado por essa cena abjeta levou a menina à decisão de dar um fim à própria vida; desceu com passos rápidos em meio à multidão dos padrinhos que vociferavam e a insultavam e, com olhar desvairado, correu para o Sena e jogou-se na água; os barqueiros resgataram-na morta do rio, enfeitada com suas jóias nupciais. (MARX, 2006, p. 32).

É possível visualizar os impactos de uma sociedade patriarcal, que desfere uma moral burguesa, cuja autoridade e domínio dos pais consolidam o critério moral para avaliar e mensurar determinada ação como correta ou não. Essa dominação é sustentada e fundamentada pelos valores norteadores da sociedade capitalista. Segundo Marx/ Peuchet, “o mau uso dessa autoridade é igualmente uma compensação grosseira para o servilismo e a subordinação aos quais essas pessoas estão submetidas, de bom ou de mau grado, na sociedade burguesa.” (MARX, 2006, p. 32).

Depois do suicídio, os pais da jovem foram até a polícia com o objetivo de resgatar os pertences de valor que ela portava em sua morte. Isso demonstra a preocupação imediata dos familiares, a vida da moça parecia não ter valor nenhum, enquanto os objetos eram lembrados e requeridos. O interesse privado foi exposto em seu ápice. É necessário colocar em tela essa situação:

Como é evidente, aqueles que no começo gritaram contra a filha viraram-se em seguida contra os pais; essa catástrofe chocou até mesmo as almas mais mesquinhas. Dias depois vieram os pais à polícia para reclamar uma corrente de ouro que a moça portava no pescoço e tinha sido um presente do seu futuro sogro, um relógio de prata e várias outras jóias, todos objetos que ficaram depositados na repartição. (MARX, 2006, p. 32).

No lugar dos sentimentos de afeição e até mesmo de arrependimento por ocasionar um evento trágico, existe a manifestação do proveito próprio, da cobiça e do interesse. Além de mostrarem atitudes e ações machistas e sexistas, os pais também apresentaram o seu desejo pelos objetos de valor. O capitalismo e o patriarcado, neste caso, entrelaçam-se com fins bastante específicos:

A cupidez os movia, mais do que o desejo de possuir duas ou três relíquias; acreditei que poderia castigá-los. Eles reclamavam as jóias da sua jovem filha; eu lhas recusava e retinha o certificado de que eles precisavam para retirar esses objetos da Caixa, onde, como era de rotina, haviam sido depositados. Enquanto ocupei esse posto, suas reclamações foram inúteis e eu sentia prazer em desprezar suas injúrias. (MARX, 2006, p. 33).

A partir da análise do caso em questão, Marx/ Peuchet parece posicionar o suicídio como um fenômeno que se move entre a esfera pública e privada. Por isso que a dicotomia entre estes dois âmbitos ergue-se como ponto de gravidade na compreensão do fenômeno do suicídio no pensamento marxiano. A jovem suicida está na convergência entre os dois domínios. Ao passo que recebe injúrias dos pais no interior da esfera privada, os valores que norteiam tal ação são impulsionados pelo conjunto de normas morais que fundamentam a sociedade burguesa. Nota-se que os vizinhos da jovem se alinham aos pais

para deflagrar insultos e condenações. Estes ataques, anteriores ao suicídio, sedimentam um terreno propício para a decisão da noiva.

O segundo caso de suicídio analisado por Marx/ Peuchet, em *Sobre o Suicídio* (2006), diz respeito a um afogamento de uma jovem. Essa narrativa tem início com a reclamação do cunhado da suicida, ele não quer que o seu irmão, e esposo dela, seja responsável pelos atos fúnebres e pelo cadáver da moça. O suicídio, mesmo diante do desespero, foi planejado para que não tivesse qualquer dúvida acerca de sua intencionalidade. Como deixa claro o trecho: “Em razão daquele instinto de pudor que domina as mulheres mesmo no mais cego desespero, a moça afogada havia cuidadosamente amarrado a bainha de seu vestido ao redor de seus pés. Essa precaução pudica tornava evidente o suicídio.” (MARX, 2006, p. 33-34).

Logo após o corpo ser encontrado, notou-se, por suas vestimentas e seus adereços de alto padrão que se tratava de uma integrante da classe burguesa. Marx/Peuchet narra a circunstância: “Logo depois de recolhida, levaram-na ao necrotério. Sua beleza, sua juventude, seu rico traje deram ocasião a milhares de suposições a respeito da causa daquela catástrofe.” (MARX, 2006, p. 34).

O que antecede ao ato de suicídio, neste quadro, é a opressão realizada pelo marido da suicida. Tudo se inicia com o confinamento e a privação da liberdade da mulher. Após o seu companheiro ter sido diagnosticado com uma doença que promove a transfiguração corpórea, a partir disso ele começa uma sistemática prática de violência contra a sua companheira. A descrição da doença que atingiu o Sr. Von M é feita da seguinte forma:

Esse homem, antes tão orgulhoso de sua bela aparência, de seu elegante porte, de uma perfeição, de uma plenitude de formas sem igual, sentiu repentinamente um mal desconhecido, contra cuja ação devastadora a ciência era impotente; ele estava transfigurado da cabeça aos pés de um modo horripilante. Havia perdido todos os cabelos, suas costas estavam arqueadas. Dia a dia modificavam-no acentuadamente a magreza e as rugas; para os outros, pelo menos, pois seu amor-próprio tentava negar a aparência. (MARX, 2006, p. 35).

O personagem descrito, inicialmente, tentou manter sua vida pública, através de festas e atividades recreativas, entretanto, ao sofrer julgamentos negativos e, por conseguinte, discriminação acerca da sua aparência, ele decide isolar-se, “pois tudo isso acabou por desfazer sua ilusão e o tornou apreensivo consigo mesmo.” (MARX, 2006, p. 35). Após a sua reclusão, o Sr. Von M focaliza e projeta a sua frustração em sua esposa, ele fica obstinado em restringir a mulher para si. De acordo com Marx/Peuchet: “Em todos aqueles que ousavam visitá-lo, via a decisão firme de conquistar o coração de sua mulher, que restava para ele como seu último orgulho e conforto.” (MARX, 2006, p. 36).

O homem narrado neste caso nutre o sentimento de posse e apoderamento ao tentar confinar a sua companheira para si, ele se tornou “ciumento, irascível, violento” (MARX, 2006, 36). Na alimentação intensa do domínio sobre a vida de outra pessoa e na opressão articulada contra a jovem, ele mudou-se para uma casa de Passy. Marx ainda destaca a concepção de propriedade privada e as leis jurídicas que legitimam esse tipo de opressão e injustiça. Segundo Kevin Anderson, Marx “ataca a noção de esposa como a propriedade conjugal do marido, comparando-a à escravidão” (ANDERSON, 1999, p. 14):

A infeliz mulher fora condenada à mais insuportável escravidão, e o sr. Von M. . . podia praticá-la apenas por estar amparado pelo Código Civil e pelo direito de propriedade, protegido por uma situação social que torna o amor independente dos livres sentimentos dos amantes e autoriza o marido ciumento a andar por aí com sua mulher acorrentada como o avarento com seu cofre, pois ela representa apenas uma parte de seu inventário. (MARX, 2006, p. 37).

Marx associa a condição da mulher com a escravidão, Engels também realiza essa comparação em **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Ambos reconhecem que as circunstâncias sociais não favorecem o sexo feminino, ressaltando que tal situação é degradante e que deve ser modificada. Ademais, Marx traça um paralelo interessante, neste trecho, entre a ideia de inventário, objeto, coisa que está ligado ao homem e a questão da mulher. O patriarcado também atravessa a sociedade capitalista, como afirma Löwy “Graças às condições sociais que ignoram o amor verdadeiro e livre, e à natureza patriarcal tanto do Código Civil como das leis de propriedade, o macho opressor pode tratar sua mulher como um avarento trata o cofre de ouro, a sete chaves: como uma coisa, ‘uma parte de seu inventário’”. (LÖWY, 2006, p. 19).

Neste sentido, o autor faz uma interpretação que será esboçada depois por intelectuais feministas: a compreensão de que o capitalismo, em verdade, não vai romper com essas amarras sexistas e misóginas, pelo contrário, vai adequá-las conforme a sua própria dinâmica. A mulher será vista como uma posse, parte das riquezas materiais do homem, reduzida, desta forma, a uma coisa.

Na narrativa apresentada em **Sobre o suicídio** (2006) não só o Sr. Von M partilha de concepções e práticas patriarcais, o seu irmão também estimulará esses comportamentos. A narrativa mostra essa compreensão sobre o cunhado da vítima e sua participação:

Nosso crioulo percebeu a solidão que se deixava entrever em meio às tarefas domésticas, tanto pelas desavenças diretas que seu irmão tinha com muitos amigos como pelos mil artifícios indiretos usados para despachar e desanimar os visitantes. Sem se dar conta das motivações amorosas que o tornavam ciumento, o crioulo aprovava essas ideias de isolamento e até as estimulava em seus conselhos. (MARX, 2006, p. 36).

Sem dúvidas, o cunhado da vítima acabou auxiliando para o confinamento da moça, a partir da própria ideia de posse que ele poderia ter em relação à protagonista do caso. Depois de notar a gravidade das circunstâncias e a forma como a jovem estava sendo alvo de distintas violências, ele demonstra arrependimento. Marx/Peuchet escreve:

O irmão, inocente cúmplice de tudo isso, compreendeu finalmente que contribuía para a infelicidade daquela jovem – dia a dia vigiada, insultada, privada de tudo aquilo que pudesse distrair uma imaginação rica e feliz, o que a tornou tão melancólica e triste quanto havia sido livre e serena. Ela chorava e escondia suas lágrimas, mas os sinais eram visíveis. O crioulo sentiu remorso. (MARX, 2006, p. 37).

Como se pode perceber pela citação, a mulher sofria constantemente inúmeras injustiças e agressões, pelo próprio confinamento imposto pelo companheiro, o que resultou na privação de sua liberdade, em uma infelicidade, desgosto e tristeza. O cunhado tentou falar com o esposo ciumento, sem sucesso. Com o objetivo de proteger, de agora em diante, a jovem, o cunhado faz uma cópia da chave da residência do casal e quando adentra, sem ser percebido, o confinamento dos dois, se depara com a seguinte cena:

Gritos enérgicos permitiram-no arrastar-se, sem ser percebido, até uma porta de vidro. O que ele viu despedaçou seu coração. A claridade de um candeeiro iluminava o quarto. Entre as cortinas, a cabeleira despenteada e o semblante purpúreo de raiva, estava o sr. Von M..., seminu, ajoelhado ao lado de sua mulher, sobre a mesma cama que ela não ousava abandonar, embora tentasse escapar pouco a pouco dos seus braços, enquanto ele a dominava com reprimendas mordazes, semelhante a um tigre pronto a fazê-la em pedaços. “Sim”, dizia ele, “eu sou horrendo, sou um monstro e sei muito bem que te causo medo. Gostarias que alguém te libertasse de mim, que a minha visão não mais te incomodasse. Anseias pelo momento em que te tornarás livre. E não me digas o contrário; eu adivinho teus pensamentos no teu pavor, na tua repugnância. Ruborizas com a gargalhada indigna que suscito, estás internamente revoltada contra mim! Contas um a um, sem dúvida, os minutos que faltam para que eu não mais te assedie com minhas fraquezas e meu estado atual. Para! Acometem-me desejos terríveis, a fúria de te desfigurar, de tornar-te semelhante a mim, para que tu não possas ter a esperança de te consolares com teus amantes da desgraça de me ter conhecido. Quebrarei todos os espelhos desta casa para que não me lancem qualquer comparação, para que cessem de servir como alimento ao teu orgulho. Não deveria eu conduzir-te ou deixar-te ir pelo mundo para ver como todos te encorajam a me odiar? Não! Não! Só deixarás esta casa depois de me matar. Mata-me, adianta-me o que eu estou tentado a fazer todos os dias! (MARX, 2006, p. 39-40).

Nesta lamentável cena é perceptível a relação de dominação machista que o homem impõe à mulher, ele deseja humilhá-la e violentá-la, com o objetivo de tornar a sua vida parecida com as angústias que sente por ter sido acometido por uma doença incurável. Observamos nessa situação, um quadro de violência pungente, cujo local não poderia ser mais emblemático: o quarto do casal. O lugar onde a vida íntima acontece, se converte em um ambiente inóspito. O marido sabe o quanto a jovem sofre, mas prefere e insiste na sistemática hostilidade brutal contra a existência da mulher. É possível verificar nesta cena que o homem realiza uma sucessão de agressões, com a finalidade de subordiná-la. Antes que a jovem pudesse se libertar com o auxílio do cunhado e de amigos médicos das violências múltiplas que sofrera, ela se suicida. A cena é visualizada:

Alguns médicos, amigos seus e decididos como ele, planejavam uma invasão na casa do sr. Von M... para constatar aquele momento de loucura e, por meio do uso imediato da força, separar os esposos, mas eis que a ocorrência do suicídio veio justificar suas precauções demasiadamente tardias e suspendeu a dificuldade. (MARX, 2006, p. 41).

Sendo assim, Marx traz à tona as negligências e fragilidades dos dispositivos jurídicos, os quais legitimam as injustiças alicerçadas nas relações familiares, especialmente no que diz respeito às violências que atingem o gênero feminino, pois “se tratava tão somente de uma mulher, aquele que o legislador cerca com as menores garantias.” (MARX, 2006, p. 41).

O autor ainda relaciona o sentimento de ciúmes à ideia de propriedade privada. Para ele, o caso em questão foi, em verdade, um assassinato, já que todas as circunstâncias que antecedem ao suicídio foram extremamente violentas para a protagonista do ato. Ele ainda esclarece que “O ciúme se nutre das coisas mais insignificantes; quando não sabe mais em que se agarrar, consome a si mesmo e torna-se engenhoso; tudo lhe serve como alimento.” (MARX, 2006, p. 37).

Desta forma, o autor deixa claro que o suicídio parece ser impulsionado por todas as práticas de assédio em que o esposo realizou contra a sua vítima. Quando Marx afirma que “o ciumento é antes de tudo um proprietário privado”, ele abre possibilidades para associar a problemática ao tema do capitalismo. Vejamos como o autor posiciona a questão:

Certamente, para todos aqueles que não reduzem o espírito pleno das palavras às letras que as formam, esse suicídio foi um assassinato, praticado pelo esposo; mas foi também o resultado de uma extraordinária vertigem de ciúme. O ciumento necessita de um escravo; o ciumento pode amar, mas o amor é para ele apenas um sentimento extravagante; *o ciumento é antes de tudo um proprietário privado.* (MARX, 2006, p. 41).

Marx, a partir da descrição de Peuchet, destaca a opinião pública no que diz respeito ao suicídio da jovem. De modo geral, havia especulações e injúrias. Há o registro do fato: “Ao meu redor eu ouvia pessoas murmurarem injúrias sobre aquele suicídio, e as desprezava. Fica-se enraivecido diante da opinião pública quando se a observa de perto, com suas lamúrias covardes e suas porcas suposições.” (MARX, 2006, p. 43). Neste caso destacado, Löwy comenta que:

[...] é de longe o mais importante, tanto por sua extensão como pelos ácidos comentários do jovem Marx a respeito. Aos seus olhos, o caso parece paradigmático do poder patriarcal absoluto dos homens sobre suas esposas e de sua atitude de possuidores zelosos de uma propriedade privada. Nas observações indignadas de Marx, o marido tirânico é comparado a um senhor de escravos. (LÖWY, 2006, p. 18-19).

O que se percebe é que no patriarcado todos os arranjos morais beneficiam o gênero masculino em contraposição ao feminino. Há uma discrepância dos direitos entre os sexos, onde contata-se o poder de decisão do homem sobre a vida da mulher, permitindo-lhe definir e controlar a conduta sexual e as regras que norteiam o relacionamento familiar.

Desta maneira, a liberdade sexual e a fidelidade como princípio basilar deste modelo de família foi corrompida já em sua constituição em favorecimento ao homem, desencadeando uma série de desigualdades em relação à mulher. Esse descompasso de direitos entre os gêneros tem como ponto de partida o trabalho como eixo norteador para fixar os papéis elencados como fundamentais. A dinâmica social ganha relevância no âmbito privado, já que o homem ocupa o espaço circunscrito como socialmente necessário de produtor, relegando à mulher um espaço considerado secundário e de pouca utilidade pública, cuja redução de sua esfera de atividade e ação, tem como finalidade do patriarcado se estender à própria existência da mulher.

Em seguida, Marx comenta o caso de uma jovem grávida que tenta realizar um aborto, pois a sua condição implicaria em um conflito moral avassalador. Mas ela não consegue realizá-lo e compreende o suicídio como um recurso e uma força capaz de livrá-la das opressões que a submetiam na vida privada.

A regulação da reprodução da mulher através da sociedade capitalista é o que se destaca na análise do terceiro caso de suicídio selecionado por Marx. Está fora dos domínios da jovem controlar o seu processo reprodutivo biológico. O direito ao aborto que lhe foi tacitamente negado, constata o cerceamento colocado à vida das mulheres e suas decisões. Decorre disso, o não empoderamento do próprio corpo feminino.

A reprodução biológica é ilustrada, no caso em questão, sob o controle da sociedade e de forma direta dos homens. Evidencia-se o corpo da mulher pelo crivo da relação de dominação, sendo capturado como propriedade de outrem e não dela mesma. Em *Sobre o Suicídio* (2006) é figurada essa relação de apropriação da corporeidade feminina. A cena apresenta “uma sociedade que coloca a moralidade abstrata acima do direito dos indivíduos para tomar suas próprias decisões.” (BROWN, 2012, p. 48).

Vê-se a solicitação da jovem direcionada ao médico para realizar o aborto: “Queriam matar-me, mas querem que eu viva. Disseram-me que sois piedoso e isso me deu a certeza de que não seríeis cúmplice do assassinato de uma criança, conquanto que essa criança não esteja ainda no mundo. Vedes que me refiro ao aborto desse fruto.” (MARX, 2006, p. 46).

Marx discorre, neste ensaio, acerca da questão da mulher e o aborto na socialidade burguesa, por intermédio da descrição do caso de uma jovem pertencente à classe burguesa, cuja gravidez não era desejada. Ela vai ao encontro do médico operando de artifícios de disfarce, já que o aborto se constitui como um procedimento ilegal e imoral nos primórdios da sociedade burguesa (e até os nossos dias, em muitos países). Vê-se a cena:

Uma noite, de retorno a Belleville, onde morava, ele foi parado por uma mulher disfarçada, numa pequena rua escura, no fundo da qual estava a porta de sua casa. Com voz trêmula, suplicou-lhe que a ouvisse. A certa distância, caminhava de um lado para o outro uma pessoa, cujos traços ele não pôde distinguir. Ela era vigiada por um homem. (MARX, 2006, p. 45).

A jovem explica a imprescindível necessidade da assistência do médico na realização do aborto porque trata-se de uma gravidez concebida no seio familiar e de modo extraconjugal. O texto descreve a angústia da jovem ao abordar o médico e a inclinação em cometer o suicídio:

Calculei tudo meu senhor. Desejava que amanhã fosse o dia, eu iria embora de todo o coração. Tudo está preparado para acontecer dessa forma. Mandaram que eu vos te dissesse isso, então eu vos digo. Cabe a vós decidir se haverá apenas uma morte ou se haverá duas. Pois de minha covardia obteve-se o juramento de que eu acataria sem reservas a vossa decisão. Decidi! (MARX, 2006, p. 46).

Embora com um semblante harmonioso, o desespero reclama auxílio. A moça teme o repúdio moral da família no que diz respeito à gravidez, sobretudo receia a atitude da esposa do progenitor. Nesta cena, a jovem assevera “estou grávida e, se isso for descoberto, estou desonrada. Minha família, a opinião de todos, as pessoas de bem não me perdoarão.” (MARX, 2006, p. 45).

Com efeito, a conexão afetiva entre a jovem e a mulher do progenitor, localiza-se no campo dos laços sanguíneos e afetivos. Era a tia, a qual ocupava o papel de tutora da moça, cuja função foi adquirida prontamente após a morte da mãe da suicida. Resulta deste encadeamento a função de guardião, na esfera jurídica, do procriador no que tange à gravidez da sobrinha de sua esposa. A jovem se encontra em um dilema. Ela visualiza a opção pelo aborto como algo negativo, todavia, converte-se em única alternativa em contrapartida ao “escândalo cuja eclosão somente a morte poderia evitar.” (MARX, 2006, p. 45).

Sendo assim, outorga ao médico o domínio da decisão que direcionará o controle não somente do seu corpo, mas, sobretudo, da sua vida. Desta forma, focaliza na repercussão do veredito, isto é, assinala decisivamente que ocorrerá a efetivação de uma morte ou o falecimento de duas pessoas, caso a interrupção da gravidez não seja levada a cabo. Contudo, o médico traz à tona a preferência por outro desfecho, indica para a possibilidade da realização de uma viagem para o exterior, o que a jovem recusa tenazmente. É possível notar na situação:

“Fuja para o estrangeiro”, disse-lhe. “Impossível”, ela respondeu. “Nisso não se pode nem mesmo pensar!”

“Tome precauções favoráveis!”

“Não posso tomá-las; durmo no mesmo quarto que a mulher cuja amizade trai.” “Ela é sua parente?” “Não posso mais responder-vos!” (MARX, 2006, p. 47).

O clínico afirma o anseio em tentar ajudar, todavia, argumenta que não o faria na medida em que, necessariamente, seja envolvido em um conflito (moral e jurídico?). Ele diz: “‘Eu teria’, prosseguiu o médico, ‘dado o melhor do meu sangue para salvar aquela mulher do suicídio ou do assassinato, ou para que ela pudesse escapar daquele conflito sem precisar me envolver em um conflito semelhante.’” (MARX, 2006, p. 47).

A negativa para a assistência ao aborto aparece como uma realidade: “Dei uma resposta negativa; a dama afastou-se rapidamente; o ruído de um cabriolé convenceu-me de que eu não podia mais reparar o que acabara de fazer.” (MARX, 2006, p. 47). O médico demonstra, após o suicídio, culpa por não ter ajudado a jovem na realização do aborto. Ele relata a situação: “Eu me responsabilizava por aquela barbaridade, pois me continha diante da cumplicidade com um assassinato. A luta foi terrível.” (MARX, 2006, p. 47).

Na descrição do médico, ele compara o dilema colocado em questão – o suicídio ou o aborto – com os partos complicados: “Tratava-se, porém, de um assunto em relação ao qual sentia-me vacilar, ainda que milhares de casos, como em partos difíceis, por exemplo, quando a questão cirúrgica oscila entre o salvamento da criança ou o do bebê, a política ou o humanitarismo decidam inescrupulosamente de acordo com suas preferências.” (MARX, 2006, p. 46).

A decisão do médico é atravessada por seus valores morais e pela compreensão patriarcal/misógina do corpo feminino, sua opinião direciona o trágico desfecho da vida da moça. O processo de reprodução social abarca esse quadro de valores morais na sociedade, sobretudo, fundamenta as relações de poder no capitalismo. O médico ocupa dois papéis simultâneos de dominação sobre a decisão da jovem: por um lado, como profissional que tem a habilidade específica para efetuar o procedimento; por outro, como homem, que compreende a procriação sob a moral burguesa e patriarcal. Resta para a moça a última alternativa para romper irrevogavelmente com as opressões projetadas e a impossibilidade de domínio sobre o seu corpo: o suicídio. O que está em evidência é a desigualdade que molda as relações entre os sexos.

A opressão de gênero é vinculada ao sistema capitalista. Este entrelaçamento é perceptível na ausência de domínio da mulher sobre a sua corporeidade. Isso pode se expressar em dois modos analíticos, por sua vez, na dimensão simbólica que fundamenta a moral burguesa, firmando os parâmetros para a condução da vida privada e pública; e também no campo em que as injustiças e violências se materializam na vida, isto é, as relações concretas de existência. Estas dimensões se harmonizam com os objetivos da sociabilidade burguesa.

Embora o texto não aponte de forma explícita a descrição das violências antecedentes à tentativa do aborto, é notória, na conjuntura exposta, a multiplicidade de opressão sofrida pela moça. Nota-se que as relações entre os sexos são fixadas para além da circunscrição das relações sociais de produção. A concepção de apropriação/apoderamento torna-se crucial para a compreensão do caso examinado, desde

a corporeidade do gênero feminino até as violências que se projetam na dimensão cultural-valorativa que permeiam a vida da protagonista. Em outros termos, todo o enredo parece se apossar da corporeidade da jovem: o chefe da família ao qual ela pertence, o Estado, as opiniões públicas e por fim o médico. Todavia, a protagonista é a única que não é dado o domínio de seu próprio corpo.

Ademais, o caso de suicídio é atravessado pelo controle da sexualidade, identidade e subjetividade da protagonista. Há em evidência a constituição de uma hierarquia entre os sexos, a qual se movimenta nas relações sociais. Dito isto, as injustiças se iniciam por intermédio da gestação, o procriador é tutor jurídico da jovem e tio na qualidade de esposo de sua tia, é provável que a protagonista da trama tenha sido aliciada e a ótica de uma violência sexual não está desconsiderada. No artigo **Sobre o suicídio** (2006) há uma descrição que enseja tal perspectiva:

Quinze dias depois, os jornais trouxeram-me a solução do segredo. A jovem sobrinha de um banqueiro parisiense, de no máximo dezoito anos de idade, pupila querida de sua tia, que nunca a perdia de vista desde a morte de sua mãe, deixara-se deslizar para dentro de um regato na propriedade de seus tutores, em Villemomble, e havia se afogado. Seu tutor estava inconsolável; em sua qualidade de tio, o covarde sedutor podia expor a sua dor diante do mundo. (MARX, 2006, p. 48).

O desfecho provoca reflexões sobre os crimes cometidos contra a moça. A responsabilidade dos tutores era a proteção, cuidado e o estabelecimento de um local seguro e saudável para a jovem, contudo, o que ocorre é justamente o oposto. Quando ela se depara com o novo cenário que foi lançada, com a percepção eminente da gravidez e tudo o que implica este processo, procura um médico. Ela transfere o imperativo de decisão para o poder de outro homem. Há um conflito manifesto, na medida em que a protagonista se choca com dois impedimentos patentes: a própria dimensão jurídica da época, cujo tolhimento ao ato é inconteste – Érica Apfelbaum (2009), em *Dicionário crítico do feminismo*, nomeia de dominação legal – por outro lado, surge a expressão do imaginário coletivo social fundamentado na moral burguesa. Este ordenamento da moral burguesa desloca o aborto para a categoria de atos abomináveis perante as normas aceitas socialmente.

Pode-se delimitar o aborto como prerrogativa na decisão da mulher em interromper a gravidez. A moral burguesa também invade a compreensão da jovem sobre o aborto, visto que considera a interrupção da gravidez como um dos crimes mais terríveis, deslocando a decisão final para o clínico. Ela alega ter tido conhecimento sobre o médico e que este se caracterizava pela piedade e pela provável assistência que se daria quando do conhecimento de uma gestação que não deveria existir. A jovem assevera no que diz respeito à solicitação de auxílio: “não me rebaixarei até a súplica, até a dissimulação daquilo que me parece o mais abominável dos crimes. Foi somente por pedidos de terceiros que ora me apresento a vós, pois já deveria me encontrar morta.” (MARX, 2006, p. 46).

A decisão do clínico na recusa em efetuar a assistência médica à jovem – cuja justificativa dada consiste em evitar um provável envolvimento em um conflito – aparece de modo emblemático. Em primeiro plano, o corpo feminino e a procriação são entendidos e direcionados através da ótica masculina, concentra nas mãos dos homens da trama o poder de decidir sobre a continuidade da gravidez. Ademais, o aporte moral que se sobressai no veredito exprime a visão sexista sobre a mulher. Mesmo a jovem

afirmando que o suicídio seria efetivado, caso a interrupção da gravidez não se cumprisse, o médico impõe a sua consciência moral acima da própria decisão da moça.

O afastamento e negação de um profissional que lida na esfera pública evidencia a recondução do caso para a esfera estritamente privada. Esta ação remete a culpabilização dos relacionamentos individuais no que diz respeito à resolução da problemática. Desta forma, direciona o aborto ao campo individual, enquanto um problema exclusivo do gênero feminino e da família, pois é visualizado como um questão específica da esfera privada.

A descrição do caso é delineada pelas inúmeras violências sofridas pela protagonista. A procriação é tida como indesejada para a jovem. Já para a sociedade, é preferível o desfecho trágico do suicídio em contrapartida ao delineamento de uma imagem de uma moral desestabilizada. Aqui, a “procriação aparece como castração” da vida (MARX, 2010, p. 83). Ao passo que a sociedade burguesa impele a mulher a prosseguir com uma gravidez não desejada, ocorre a castração do domínio próprio sobre o existir. Segundo Heleieth Saffioti, “um dos elementos nucleares do patriarcado reside exatamente no controle da sexualidade feminina” (SAFFIOTI, 2004, p. 49).

O suicídio é concebido, por ela, como uma alternativa contra as violências que afetam a sua vida. A reprodução social comporta a faceta da eticidade do médico em decretar o prosseguimento da gestação, da visão da própria suicida sobre o aborto, da sua última decisão em romper com uma vida inautêntica. Em suma, ela abrange a diversidade em reproduzir os ideais da sociedade burguesa em um caso singular, o qual é transferido para a esfera privada, mas que reflete as formas e possibilidades concretas das performances da existência sob o pano de fundo da dominação imposta às mulheres.

Por fim, tem-se um quarto caso, um pouco diferente dos três primeiros, porém não menos importante. Neste, Marx/ Peuchet examina o relato de um homem desempregado que não aceitava a ideia de ser sustentado pela esposa e filhos. Ele também é atingido pelo patriarcado, já que se sentia ferido moralmente sob o crivo da imposição de ser provedor da família. Sendo assim, vê-se mergulhado em profundo desânimo e sob a presença de uma falta de mudança de perspectiva. Desse modo, ele encontra no suicídio uma forma de diluir seus tormentos e de acabar com sua angústia.

O suicídio masculino, nesta narrativa, é motivado pelo sentimento de desonra, impulsionado também pelas relações patriarcais. O homem foi demitido em um contexto de crise, cuja redução de funcionários/empregados atingiu a sua vida individual. Ele encara essa situação recorrente, embora desagradável, como algo inaceitável, já que o desloca da posição de provedor da sua família. Heleieth Saffioti aborda essa compreensão:

Os homens, contudo, são os mais afetados, na medida em que sempre lhes coube prover as necessidades materiais da família. E este papel de provedor constitui o elemento de maior peso na definição da virilidade. Homens que experimentam o desemprego por muito tempo são tomados por um profundo sentimento de impotência, pois não há o que eles possam fazer. Além de o sentimento de impotência ser gerador de violência, pode resultar também em impotência sexual. (SAFFIOTI, 2004, p. 35).

O principal motivo da angústia e desespero do nosso suicida masculino é o fato de considerar insuportável não ocupar mais a função de chefe econômico de seu lar. Os papéis patriarcais são invertidos,

sua mulher e filhas eram costureiras, o que permitiria o sustento, mesmo que com dificuldade, das despesas da casa por meio do trabalho delas.

A ideia de não desempenhar o lugar de dominação nas relações pessoais da família, lançou o protagonista à única rota de fuga encontrada por ele: o suicídio. Neste relato, a força das relações patriarcais não são menos visíveis, pelo contrário, o protagonista da trama apresenta um elemento importante: ele também foi socializado pela dinâmica patriarcal. Essa percepção molda a sua forma de encarar a vida e também de se enxergar nessas relações. Até mesmo o homem é impactado e sofre no interior das relações machistas e sexistas, embora de uma forma e em um nível distinto, comparado ao que acontece com a mulher, sua principal vítima.

No entanto, o homem é, no interior das relações patriarcais, forçado a reprimir sentimentos, emoções, desejos, isto é, performances de existência que são admitidas socialmente como exclusivas do sexo feminino. Resulta disso que o homem narrado no caso é afetado por essa noção de produtividade e utilidade, força e poder, oferecida pelo ideal sexista da sociedade de sua época. Perder o emprego significava ser igualmente reduzido a nada, porque trata-se de um componente fundamental para demarcar seu poder nas relações familiares e delinear a sua imagem perante à sociedade como um todo. Foi adicionado um novo elemento ao seu desespero e sentimento de impotência: ser sustentado por mulheres.

O protagonista deixa um bilhete que relata a sua motivação:

Em seu bolso, foram encontradas uma carta e informações sobre suas relações pessoais. Sua mulher era uma pobre costureira; suas duas filhas, de dezesseis e dezoito anos, trabalhavam com ela. *Tarnau*, nosso suicida, dizia nos papéis que deixou “que, não podendo mais ser útil a sua família, e sendo forçado a viver à custa de sua mulher e de seus filhos, achava que era sua obrigação privar-se da vida para aliviá-los dessa sobrecarga; (MARX, 2006, p. 49).

Aqui, nesta cena de suicídio, o olhar de Marx pode apontar uma direção eficaz acerca da luta contra a opressão das mulheres: é necessário que todos sejam envolvidos nesse combate. Saffioti (2004) posiciona uma questão salutar sobre o tema: “Então, poder-se-ia perguntar: o machismo favorece sempre os homens? Para fazer justiça, o sexismo prejudica homens, mulheres e suas relações. O saldo negativo maior é das mulheres [...]”. (SAFFIOTI, 2004, p. 35). Desta forma, a superação do patriarcado indica o rompimento de símbolos e violências que trazem malefícios à humanidade como um todo, tendo a figura da mulher como a sua principal vítima, mas não a única.

A publicação do artigo *Sobre o suicídio* (2006) destaca-se, justamente, por apresentar uma contestação acerca da compreensão de naturalidade do patriarcado, uma vez que as narrativas dos casos examinados mostram o que está por trás dos suicídios, isto é, a dominação masculina e todo um sistema de prática de violências, construído e mantido pela sociedade. E essa compreensão é sustentada no interior de uma sociedade que a maioria dos esquemas explicativos admite a naturalização do patriarcado. Vale lembrar a percepção de Michael Löwy sobre o ensaio: “esse texto de Marx é uma das mais poderosas peças de acusação à opressão contra as mulheres já publicadas. Três dos quatro casos de suicídio mencionados nos excertos se referem a mulheres vítimas do patriarcado [...]”. (LÖWY, 2006, p. 18).

### **Considerações finais**

O ensaio que fala sobre suicídio apresenta o fenômeno como uma ação transgressora, as personagens se lançam à morte ao invés de permanecerem no sofrimento. Elas eram suficientemente livres para suicidar-se, mas não para ter controle sobre o seu espaço, a sua vida em sociedade. O confinamento em que estiveram presas também pode ser percebido na hora da morte, pois o suicídio das protagonistas dispensa espectadores, acontece na solidão, no desgarramento de uma vida fora de si. Marquetti (2017) esclarece que “O direito de viver, morrer ou sofrer em público, de expor sua sexualidade, sua dor, sua satisfação ou insatisfação foi e é negado às mulheres. Herança perversa que se luta para mudar, mas que ainda resiste.” (MARQUETTI, 2017). Nota-se também, nas cenas colocadas em debate aqui, a manifestação de um grito de rebeldia e de recusa dos papéis definidos socialmente.

A vida da mulher é impulsionada a se realizar apenas através das instituições, como o casamento e a maternidade, delineada pela decisão dos homens. Aqui, “A reificação capitalista e a dominação patriarcal são associadas por Marx nessa acusação radical contra as modernas relações da família burguesa, fundadas sobre o poder masculino.” (LÖWY, 2006, p. 19).

É neste sentido que o suicídio aparece como uma exteriorização maior, já que surge como “única forma de morte contemporânea que expõe sua subjetividade ao mundo e, no caso feminino, talvez, seja uma das poucas possibilidades de fuga.” (MARQUETTI, 2017).

O suicídio vai aparecer como uma maneira de romper com esse paradigma, já que desestabiliza aquilo que seria esperado. Neste sentido, o suicídio protagonizado por mulheres expressa uma duplicidade de contravenção: a ideia de um modelo de morte e o próprio padrão de feminilidade. Percebe-se que há uma possível compreensão de que as mulheres suicidas mostram à sociedade as amarras patriarcais que confinavam suas existências. Desta forma, apresentavam, como uma espécie de denúncia, as relações estabelecidas e que se revelavam hostis e degradantes.

Pelos casos analisados é possível afirmar que o suicida, paradoxalmente, pretende continuar a viver, em oposição às rudezas que um momento civilizatório provoca no ser humano. Marx nos convida a refletir sobre o suicídio feminino e ao abordar o tema, o autor quebra o silêncio e o tabu acerca da morte voluntária e das questões de gênero.

A afinidade teórica demonstrada por Marx em relação às memórias de Peuchet apresentou o perfil de um filósofo diverso e à frente de seu tempo. Mesmo o pensador renano tendo ciência dos dados estatísticos que apontam uma maior incidência de suicídio entre homens, já que apresenta uma tabela atestando esse fenômeno, ele preferiu colocar em tela, no artigo publicado, a narrativa predominante das mulheres suicidas. O tratamento tanto de Peuchet quanto de Marx acerca das causas que motivaram a morte voluntária feminina nos autoriza a afirmar que fugiram das saídas simplistas e moralizantes que giravam em torno do fenômeno.

Em contraposição a um ideário sexista e patriarcal de sua época, e que até hoje se faz presente, Marx pretende lançar ao seu público leitor uma reflexão sobre a condição da mulher no seio da família burguesa, a predominância do machismo e o seu devastador efeito sobre as relações na sociedade. O

suicídio a partir da exposição da singularidade feminina concede uma crítica incisiva acerca da esfera privada, antecipando, de maneira breve, mas profunda, temas importantes do movimento feminista como: o aborto, o patriarcado e a opressão familiar. Ficamos com a impressão de estarmos diante de uma leitura que ecoa duas vozes solitárias de seu tempo.

### Referências

- ANDERSON, K.; PLAUT, E. **Marx On Suicide**. Evanston: Northwest University Press, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. Marx e a ontologia do suicídio. In: **Margem Esquerda – ensaios marxistas**. N°8, 216-217; São Paulo: Boitempo, 2006.
- APFELBAUM, Erika. Dominação. In: HIRATA, Helena; e outras. (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 76-80.
- DAVIS, Angela. Woman and Capitalism: Dialectics of Oppression and Liberation. In **The Black Feminist Reader**, eds. Joy James and T. Denean Sharpley-Whithing, 146-182. New Jersey: Blackwell, 2000.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe operária na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- ENGELS, Frederic. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo. Tradução de Heci Regina Candiahi. São Paulo: Boitempo, 2018.
- FERGUSON, S.; MCNALLY, D. Capital, força de trabalho e relações de gênero. **Revista Outubro**, p. 23–59, nov. 2017.
- HARTMANN, Heidi I. The unhappy marriage of Marxism and feminism: Towards a more progressive union. **Capital & Class**, v. 3, n. 2, p. 1-33, 1979.
- LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: LOWY, Michael. Um Marx Insólito. In: MARX, Karl. **Sobre o Suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006. Cultrix, 2019.
- LUXEMBURGO, Rosa. Rosa **Luxemburgo: textos escolhidos**. Vol. 1 (1899-1914). Org. Isabel Loureiro. Tradução Stefan Klein, Grazyna Costa. 3º edição. São Paulo: Unesp, 2018.
- MARQUETTI, F.; MARQUETTI, F. Suicídio e feminilidades. **Cadernos Pagu**. Núcleo de Estudos de Gênero - pagu, n. 49, 2017.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. Imprisonment of Lady Bulwer-Lytton. New-York Daily Tribune, New York, August 4, 1858b. Disponível em <<http://marxengels.public-archive.net/en/ME1074en.html>>. Acesso em 08 de fevereiro de 2024.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos**; tradução de Jesus Ranieri. - São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **Sobre o Suicídio**; tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. - São Paulo: Boitempo, 2006.
- MOURA, Mauro Castelo Branco de. **Os Mercadores, o Templo e a Filosofia**: Marx e a religiosidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- RODRIGUES, Marta. Suicídio e sociedade: um estudo comparativo de Durkheim e Marx. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 698-713, dez. 2009.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2004.

### Notas

---

1 Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da UFBA. Professora de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, *Campus* Valença. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9301495822944530>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7665-7733>. E-mail: [jordania.araujo@ifba.edu.br](mailto:jordania.araujo@ifba.edu.br)

2 Existe ainda um outro texto, também pouco conhecido de Marx, intitulado *O Encarceramento de Lady Bulwer-Lytton*. Nesse artigo, o filósofo aborda o sequestro e aprisionamento de Rosina Bulwer-Lytton, diagnosticada como mentalmente instável após denunciar as ações de seu ex-marido, o renomado escritor e político conservador Edward Bulwer-Lytton. De maneira sarcástica, Marx também direciona seu olhar para a imprensa metropolitana, questionando sua busca por lucro e influência política. É importante notar que esse texto, juntamente com a obra *Sobre o Suicídio*, compõe uma análise interessante de Marx sobre a opressão patriarcal contra as mulheres. No entanto, não é objetivo deste estudo aprofundar na análise desse artigo de Marx.

3 É importante destacar que o termo ainda não tinha sido cunhado na época de Marx, por isso sua significação aqui é “como uma referência às relações de poder entre mulheres e homens e ao sistema de regras pelo qual são constituídas e impostas” (FREDERICI, 2018, p. 39).

4 Anteriormente à publicação do artigo, em janeiro de 1845, Engels editor da *Gesellschaftsspiegel*, juntamente com Hess, realiza uma declaração com uma finalidade específica na revista. De acordo com Kevin Anderson (1999), o apontamento tinha caráter provocativo e continha um teor sentimental. A supracitada declaração possuía como objetivo suscitar e acelerar um auxílio/reforma para a humanidade padecente. Ademais, ela evocava descrições sobre a realidade social de maneira empírica, o que incluía a solicitação também de dados estatísticos. Em 1846, Marx iria publicar o escrito intitulado *Sobre o Suicídio* nesta revista. Artigo em que o autor combina diferentes temáticas.

5 Jacques Peuchet (1758-1830) começa sua carreira como economista. De 1789 a 1791, anos considerados revolucionários, ele estava no cargo na administração policial, todavia suas concepções monarquistas moderadas fizeram com que ele fosse preso em 1792. Jacques Peuchet, sem demora, foi liberto. Ele levou uma vida sem destaque até 1801, quando então foi designado a ocupar altos postos econômicos e policiais no Governo de Bonaparte. No ano de 1815, Peuchet exerceu o cargo de arquivista de polícia em Paris. Peuchet, no entanto, carregou consigo, ao ter se aposentado, os documentos densos dos arquivos da polícia. Os quais originam o seu livro de memórias. É posteriormente desperta interesse em Marx.

Recebido em: 01 de Jul. 2023

Aprovado em: 06 de mar. 2024